

O PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO ECONÔMICA NO RIO GRANDE DO SUL – ASPECTOS DA INDÚSTRIA DO CHARQUE NA FRONTEIRA PLATINA

Márcia Solange Volkmer¹; Saul Eduardo Seiguer Milder²

1-Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas- Departamento de História- Universidade Federal de Santa Maria- Rua Ernesto Becker, 1969/04- Santa Maria/ RS- CEP 97010-140- mvolkmer@mail.ufsm.br

2-Laboratório de Estudos e Pesquisas Arqueológicas- Departamento de História- Universidade Federal de Santa Maria- Rua Floriano Peixoto, 1184- Antiga Reitoria- Santa Maria- CEP 97015-372- milder@smail.ufsm.br

Palavras-chave: História, Arqueologia, Charqueadas, Fronteira Platina

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

RESUMO

A cidade de Quaraí, localizada na região da Fronteira Oeste do RS, está inserida num processo de reestruturação das charqueadas rio-grandenses de final do século XIX. Trata-se do período em que o centro de tal atividade desloca-se de Pelotas para o interior do Estado, incrementando-se as técnicas e estrutura das charqueadas. Neste estudo, as ruínas de dois Saladeiros são objeto de resgate histórico e arqueológico. Objetiva-se compreender a estruturação funcional dos mesmos a partir das relações evidenciadas pela cultura material, bem como contextualizar o processo histórico analisado. Para tanto, trabalha-se num intenso levantamento bibliográfico e documental e realiza-se um mapeamento detalhado de todas as estruturas. Inseridas num processo de reordenamento da produção, as charqueadas de toda região oeste são caracterizadas pelo predomínio de capital estrangeiro e mantém estreita relação com os países vizinhos, dependendo do gado e portos de Argentina e Uruguai. Nos saladeiros de Quaraí, o vapor é a força motriz, há mão de obra especializada, uso de dutos subterrâneos e de um cabo aéreo que transporta o charque por sobre o rio Quaraí até o Uruguai. Toda organização da produção é evidenciada a partir dos indícios deixados no espaço ocupado por tal atividade, que será contextualizada no presente artigo.

INTRODUÇÃO

A pecuária no Rio Grande do Sul foi o elemento fundamental na estruturação de sua economia e sociedade. Desde o início da sua ocupação, até as primeiras décadas do século XX, o gado foi fator que mobilizava a sociedade gaúcha. Falar em desenvolvimento ou transformações da economia do Estado é fazer referência à pecuária (criação e charqueadas).

Essa ligação e preponderância da pecuária, no entanto, não é elemento que caracteriza unicamente o Rio Grande do Sul, constituindo essa uma atividade que por mais de dois séculos extrapola os limites que hoje constituem as nossas fronteiras com Argentina e Uruguai. Raul Quevedo em *As Estâncias e As Charqueadas* [1] refere-se aos países do Prata como a “civilização do couro”. Nessa obra, reafirma a idéia hegemônica de ter o RS nascido nas estâncias e crescido nas charqueadas, refazendo toda uma trajetória histórica do papel do gado neste cenário platino.

O processo de produção do charque é iniciado no Rio Grande do Sul em meados do século XVIII. Concomitante a isso, desenvolve-se também a indústria saladeril na Argentina e Uruguai. O desenvolvimento dessa atividade

ocorre de forma bastante aproximada nos países vizinhos, sendo que no RS esse processo adquire especificidades, principalmente devido ao seu retardamento e dependência.

Dessa forma, esse processo econômico segue uma trajetória de reestruturações, desde a sua implantação (quando se passa a explorar o gado em sua totalidade, não mais apenas o couro) até os movimentos de “modernização” que viriam a se operar durante o século XIX (quando novas tecnologias reestruturariam a produção). Esse processo seria caracterizado por uma série de barreiras específicas a cada país. Em função disso, haveria avanço ou recuo frente aos inúmeros contratempos de ordem política ou econômica que o delineariam.

O processo de salgação de carnes e, principalmente, a distribuição do produto no mercado ficaria bastante limitado durante os períodos marcados pelos diversos conflitos armados no século XIX nas terras gaúchas e uruguaias¹ [2]. Em alguns momentos, a paz em

¹ Elucida-se a partir de agora as especificidades e interações dos processos de produção do charque do

um dos lados da fronteira sul foi acompanhada de conflito do outro lado. Nesse sentido, os charqueadores aproveitavam as oportunidades oferecidas pela instabilidade política no país vizinho e expandiam a sua produção. Isso gerou oscilações na liderança do setor de carnes salgadas.

Contudo, conforme vai se aproximando o final do século XIX, percebe-se uma tendência de que o setor gaúcho seja sobrepujado pelo uruguaio. Passa-se a ouvir com mais frequência clamores contra a competição desleal do *tasajo*, manifestos alertando para a "falta de braços", reclamações em relação aos preços baixos nas praças do Rio de Janeiro e à tributação excessiva.

A fabricação de carnes no Uruguai seria dotada de uma estrutura de moldes capitalistas já na década de 1860. Trata-se do período em que a influência inglesa começa a se fazer presente e tais investimentos orientam essa modernização. Acrescenta-se às condições de favorabilidade natural (boas pastagens, qualidade do rebanho) uma série de melhorias técnicas, além da utilização de mão-de-obra especializada, numa gradual divisão de trabalho. Destaca-se que as indústrias pecuárias da Banda Oriental vendiam o charque no mercado brasileiro *"mais barato do que os gaúchos, graças aos seus pastos superiores e ao seu transporte costeiro mais barato"* (LOVE, p 101) [3]

No Rio Grande do Sul, esse processo que viria "enquadrar" a economia do Estado aos padrões internacionais do capitalismo começa a se fazer presente apenas com o advento da República. Trata-se do período em que o Partido Republicano Rio-Grandense assume o Poder, que passa a ser orientado a partir dos pressupostos positivistas de modernização da economia e sociedade. Essa reestruturação econômica, no entanto, sempre se viria em desvantagem se considerada a posição da produção uruguaia. *"Os mesmos fatores que transformaram o pampa uruguaio- inovações tecnológicas, investimentos estrangeiros e imigração- tiveram impacto semelhante sobre o Rio Grande do Sul, posto que mais tardio e atenuado"* [3]

Dessa forma, o charque do Rio Grande do Sul tem como principal mercado o sudeste e nordeste brasileiro, sendo bastante intensa também a disputa por tal mercado pelos uriguaiois, que em vantagem de produção (menores preços) tornam-se forte concorrência. Para defesa desse mercado, uma série de justificativas e medidas protecionistas seriam elaboradas pelo governo estadual.

RS em relação ao Uruguai, considerando-se que a indústria argentina configura-se em paralelo à uruguaia.

Para a elite saladeril do Estado os motivos dos problemas do setor estavam relacionados à falta de estrutura para produção (inferioridade do rebanho, falta de incentivos, inexistência de vias para evacuar a produção: portos, ferrovias e estradas) e à sua condição de "marginalização" da política nacional, da qual estavam afastados e sentiam-se explorados.

Essa condição periférica seria elencada por uma das concepções historiográficas que se propõe a analisar a crise da pecuária rio-grandense instaurada ainda no Império, e que tem suas condições agravadas com as reestruturações econômicas, políticas e sociais ocorridas quando do advento da 1ª República no Brasil.

Pretende-se, em seguida, uma explanação desse contexto platino de finais do século XIX até a década de 1920, para depois enfatizar nesse processo de reordenação da produção do charque a profunda ligação com as ações advindas da produção uruguaia. Objetiva-se atribuir ao contexto platino significância maior para determinação dos rumos da economia gaúcha, enfatizando-se uma conjuntura global de inserção capitalista: a 1ª Guerra Mundial.

Considera-se, portanto, o contexto platino ao intencionar a exposição do processo de modernização das charqueadas gaúchas e o advento dos frigoríficos (introdução de capitais estrangeiros) nas primeiras décadas do século XX. Tal proposta é amparada nas palavras de Maria Medianeira Padoin (2001, p.60) [4]: *"...A história do (hoje) sul do Brasil não pode ser estudada ou entendida fora desse espaço fronteiro platino, uma história de economias e culturas que se mesclam e disputam hegemonias."* O presente contexto não é o da construção dos Estados Nacionais, mas de sua atuação em processos econômicos que se mesclam e disputam hegemonias: a produção de charque gaúcho e a concorrência platina.

OS SALADEROS URUGUAIOS E A REESTRUTURAÇÃO DA ECONOMIA GAÚCHA NO PERÍODO DA 1ª REPÚBLICA

Os problemas econômicos do Rio Grande do Sul ao findar o século XIX podem ser percebidos em todos os setores, sendo que em relação ao charque percebe-se uma desestruturação maior. Esse desfavorecimento da economia pecuária é percebido pela mudança de posição tomada pelo produto que há poucas décadas representava o apogeu da economia gaúcha. Esse declínio da produção do charque é igualmente evidenciado se comparado à produção uruguaia.

"A primeira coisa que salta à vista é o descompasso em que o Rio Grande do Sul se encontrava, frente às mais

recentes aplicações da tecnologia ao processo de conservação da carne. O Rio Grande permanecia ainda com os velhos métodos de salgamento da carne, num esquema que, após abolida a escravidão, não havia ainda evoluído para o estágio da indústria moderna, ou seja, a empresa frigorífica" (PESAVENTO, 1980, p.33) [5]

Dessa forma, a charqueada gaúcha enfrentava problemas como o alto preço da matéria-prima, atraso tecnológico, alta taxaço sobre a importação do sal e, principalmente, as barreiras da inexistência de um eficiente sistema de transportes (tanto ferroviário como portuário). Todos esses elementos acabam por elevar o custo da produção. Nesse sentido, a concorrência platina é intensificada pelo fato de ser o charque uruguaio oferecido a preço mais baixo.

Ao iniciar o século XX, o Prata não só disputa com o Rio Grande do Sul o mercado nacional de charque como também se apresenta como exportador de carne frigorificada para o mercado mundial.

Essa disparidade nas economias sulinas não era percebida por volta da década de 80 do século XVIII, quando é iniciado o processo de mercantilização da carne tanto na Banda Oriental como no RS. Poder-se-á considerar a proteção e desenvolvimento do charque pelos governos uruguaio ainda quando Vice-Reinado, a introdução de tecnologias (máquina a vapor e melhoramentos sanitários) logo ao findar da ocupação portuguesa e a forte presença e influência inglesa ainda no processo de independência do atual Uruguai.

Considera-se, portanto, que em 1960 o processo de fabricação de carne nos saladeros uruguaio apresentava-se com estrutura capitalista, ou seja, o modo de produzir e as relações em tal produção haviam sido reestruturados.

Efetiva-se melhorias técnicas e utiliza-se mão-de-obra especializada num gradual aumento do estabelecimento de unidades fabris. Estas inovações seriam ainda acompanhadas de um melhor aparelhamento nos portos, dinamização do sistema bancário e construção de rede ferroviária. Essas condições permitiram que o charque uruguaio expandisse seu mercado, exportando tanto para o Brasil como para Cuba.

Está-se diante de um impasse ditado por um mercado que exige renovações, frente às contradições da "velha charqueada gaúcha". O período da República Velha, no entanto, seria motivador de transformações nessa economia pecuária. A indústria da carne seria reorganizada, no RS, na segunda década do século XX, frente às possibilidades e perspectivas advindas com a 1ª Guerra Mundial (consumo de carne frigorificada).

O caminho a seguir para tal superação seria o mesmo do Prata. Ou seja, tinha-se como certeza que os velhos processos para salgaço da carne deveriam ser substituídos pelos da frigorificação. Nesse sentido, o intervencionismo do Estado gaúcho apresentava-se "como o promotor do progresso econômico, orientando e instruindo a iniciativa privada, buscando promover a acumulação de capital" [5] (p.68)

A República de inspiração positivista do RS considera-se como agente modernizador da economia. Nesse sentido, atua para desenvolver um setor que enfrentava grandes problemas: a pecuária gaúcha.

O início da 1ª Guerra Mundial teria profunda repercussão sobre a charqueada gaúcha, que durante o período da guerra assume o mercado que é de certa forma abandonado pelos uruguaio (onde em 1913 o frigorífico sobrepua a produção da empresa saladeril): o mercado brasileiro e cubano.

A guerra, portanto, traria enorme desenvolvimento à indústria frigorífica do Prata, sendo restringida ao mínimo a matança para a produção do charque. Essa falta do charque platino seria suprida pela maior produção e exportação gaúcha. Configura-se nesse contexto a interrelação das economias platinas no reordenamento da produção saladeril gaúcha. Esse processo será elucidado a seguir, quando exposto o estudo específico da produção nas charqueadas de Quaraí neste período.

OS SALADEIROS DA FRONTEIRA- A PRODUÇÃO DE CHARQUE EM QUARAÍ (1894-1927)

Em Quaraí, as ruínas imponentes no atual Bairro do Saladeiro, remetem-nos ao fim do século XIX. Pertencem aos dois saladeiros da cidade: o Novo Quaraí (fundado em 1894 e com atividades suspensas em 1923- em meio aos conflitos da Revolução) e o São Carlos (que começa a produzir em 1907 e deixa de funcionar em 1927- já atingido pela Lei de Desnacionalização do Charque). Dessa forma, têm coexistência por 16 anos, nos quais Quaraí se destaca com grande produção. Localizados em área razoavelmente próxima, tiveram inclusive uma espécie de produção conjunta, quando as línguas extraídas da produção do São Carlos eram remetidas para a fábrica de conservas que funcionava junto ao Novo Quaraí.

Dando continuidade ao Projeto que objetiva fazer um resgate histórico e arqueológico dos antigos saladeiros, pretende-se a identificação e posterior análise das estruturas a fim de estabelecer as relações que tornaram possível o funcionamento de tais estabelecimentos. Para tanto, considerar-se-á as estruturas em si bem

como essas associadas aos recursos naturais e aos fatores de produção para tal análise.

JUSTIFICATIVA E METODOLOGIA

Tal proposta justifica-se por tratar-se de um dos primeiros trabalhos de Arqueologia Industrial realizados no Rio Grande do Sul. Ao intencionar o registro, estudo, interpretação e preservação de tais monumentos industriais (vestígios de artefatos, locais e sistemas relacionados à indústria), avaliando seu significado dentro dos respectivos contextos sociais, econômicos e históricos, pensa-se estar contribuindo sobremaneira para a reconstituição desse processo produtivo em tal período, bem como para o reconhecimento e valorização das atuais ruínas.

A Introdução do presente texto trata justamente da contextualização histórica do período em que estão inseridas as Charqueadas de Quaraí. No que se refere às charqueadas instaladas após cem anos de produção hegemônica em Pelotas, torna-se relevante o estudo pelo fato de se estar trabalhando com estabelecimentos pouco conhecidos, ou diferenciados daqueles “primitivos”. Os saladeiros de Quaraí, além de pertencerem a tal movimento de “modernização” (busca de superação da crise e conquista de novos mercados), ainda apresentam aspectos peculiares de funcionamento pela localização fronteira e ligação direta com os países vizinhos.

Com o funcionamento dos frigoríficos, o número de charqueadas diminui gradativamente, e são os estabelecimentos fronteiros que ainda operam em 1920, sendo o charque dessa região exportado via Montevidéu. Mais uma vez seria a ligação com o Prata o mantenedor de tão reduzido setor saladeril, que ainda não fora superado pela produção dos frigoríficos do Rio Grande do Sul.

Além disso, essas charqueadas foram originadas a partir da penetração de investimentos e investidores uruguaios no RS a partir de 1883. Destaca-se nesse processo a participação de capitais ingleses. São essas as charqueadas que passam a operar no mercado cubano.

E dentre essas charqueadas que estariam localizadas ao longo de toda a Fronteira Oeste do Estado, destaca-se as atividades daquelas que produziram em Quaraí. Estas são originadas a partir de investimentos anglo-uruguaios e mantém estreita ligação com a economia uruguaia durante todo o período em funcionamento.

O rio Quaraí é considerado marco de fronteira entre Brasil e Uruguai em 1851. (ROSA, 2002, p.27) [6] No entanto, estando os uruguaios produzindo charque no Rio Grande do Sul,

criando eles mesmos ou então advindo das estâncias de brasileiros (e considerando-se a longa extensão de fronteira seca) continuou havendo livre trânsito de gado e charque naquele cenário. Dessa forma, boa parte do charque produzido na fronteira oeste do RS é feita perante aquisição de gado uruguaio.

A partir dessa contextualização que é resultado de consultas bibliográficas e fontes como os relatórios dos Intendentes do período, pretende-se estabelecer tais relações econômicas também a partir do estudo da cultura material. As fontes disponíveis para este estudo são encontradas na cidade de Quaraí e Artigas.



Figura 1- Ruínas do Saladeiro São Carlos

A começar pelas ruínas dos saladeiros, -que evidenciam estruturas com diferentes funções - bem como os casarões que foram a administração e escritório dos mesmos. A casa que funcionava como ponto de venda de produtos de consumo para os trabalhadores também se encontra preservada em área próxima ao Saladeiro São Carlos.

Nas margens do rio Quaraí foi identificada toda a estrutura que possibilitava o sustento do cabo aéreo projetado pelo inglês Henrique Holidja. Essa estrutura, inaugurada em 1908, punha em comunicação a margem direita do Rio Quaraí com a margem esquerda. Dessa forma, depois de enfardado, o charque produzido em Quaraí passava por sobre o rio até a margem oposta. Da cidade de Artigas, era conduzido por trem (Ferrocaril) até o porto de Montevidéu, de onde seguia para o nordeste brasileiro e demais mercados conquistados no período, a exemplo de Cuba.

CONCLUSÃO

O período iniciado na década de 1880 e que se estenderia até 1930 é caracterizado por sucessivas medidas que pretendem a reestruturação da economia no Rio Grande do Sul. O Governo agiria no sentido de promover a

modernização e posterior inserção econômica mais vantajosa no mercado nacional.

Muitos elementos podem ser elencados para explicar o contexto de desfavorecimento da produção do charque gaúcho. Neste trabalho, no entanto, enfatizou-se as interações platinas na busca de mercado e afirmação de hegemonias. Consta a superioridade produtiva dos saladeros uruguaios, que estruturados nos padrões de produção capitalista, estavam aptos a competir por mercados. Na medida em que há certo bloqueio dessa produção, o Rio Grande do Sul passa a investir em tais tecnologias e mercado.

Dessa forma, toda reorganização da economia gaúcha é orientada no sentido de assimilar-se à uruguaia. O primeiro conflito mundial seria a propulsão para o reordenamento final, quando a produção do charque seria substituída pela da carne frigorificada. Esse processo já fora operado no Uruguai, que novamente destaca-se como hegemônico na exportação para a Europa.

Trata-se do período em que o Rio Grande do Sul pretende a superação de uma crise, e alça seus olhos para o país vizinho, que se constituía em sua principal concorrente e agora era exemplo de modernização. Os frigoríficos ainda levariam anos para sobrepujar a produção do charque gaúcho, que ganha novos mercados graças àquele “modernismo uruguaio”. Mais do que explicar um contexto de desfavorecimento econômico, a 1ª República Gaúcha teve economia que pretendeu modernizar-se para melhor inserção no mercado. Constata-se que foi fundamentalmente atrelada à economia do Prata.

Os saladeiros de Quaraí surgiram nesse momento em que é concedido espaço e benefícios aos investidores estrangeiros. A produção do charque na fronteira oeste do Rio Grande do Sul seria “comandada” por uruguaios que, amparados pela tecnologia e capitais ingleses, reestruturariam tal produção. Se comparadas às charqueadas surgidas em Pelotas no século XVIII, os saladeiros de final do XIX e início do XX apresentam nova organização e tecnologia (já presente nos saladeros uruguaios há quase 40 anos).

Nos saladeiros de Quaraí, o vapor é empregado como força motriz e para obtenção da graxa, há mão de obra especializada, uso de dutos subterrâneos para escoar dejetos e água encanada para melhor higiene. O Charque é exportado via Montevidéu, após ser transportado pelos trens que partiam de Artigas que recebia o produto por sobre o rio pelo cabo aéreo inaugurado em 1908.

Trata-se de indústrias inseridas num processo de reordenamento econômico. A produção dos frigoríficos não supera a das charqueadas até aproximadamente os anos 1940.

Seriam quase três décadas de produção de charque em que se tem mercado garantido (com menor produção uruguaia) e buscam-se melhorias técnicas que possibilitem maior produção. Os saladeiros de Quaraí são material e estruturalmente diferentes daquelas primeiras charqueadas iniciadas em Pelotas. O estudo e interpretação da paisagem que abarca os saladeiros inferirá novos elementos de sua funcionalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] QUEVEDO, Raul. **As Estâncias e as Charqueadas**. Dom Pedrito, 1986.
- [2] MARQUES, Alvarino da Fontoura. **Episódios do Ciclo do Charque**. Martins Livreiro-Editor. Porto Alegre, 1987.
- **Evolução das Charqueadas Rio-Grandenses**. Martins Livreiro-Editor. Porto Alegre, 1990.
- **A Economia do Charque (A Culinária do Charque e o Charque nas Artes)**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.
- [3] LOVE, Joseph. **O Rio Grande do Sul como Fator de Instabilidade na República Velha**. In: História Geral da Civilização Brasileira, p. 99-122
- [4] PADOIN, Maria Medianeira. **Federalismo Gaúcho. Fronteira Platina, Direito e Revolução**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.
- [5] PESAVENTO, Sandra Jatthy. **República Velha Gaúcha: Charqueadas, Frigoríficos, Criadores**. Porto Alegre: Movimento, 1980.
- [6] ROSA, Olga Pedrón García da. **Ciudad de Artigas (1852-1973) Reseña Histórica Homenaje en sus 150 años**. COFAC, 2002.